

FRAUDE NO SENADO

Senador diz que memorizou conteúdo de lista com votos da cassação, mas pretende guardar segredo

Continuação da 1ª página

Encontro com procuradores foi um erro, assume ACM

DORA KRAMER

ACM chegou a pensar que ela tivesse sido recuperada no Prodasen, mas não conseguia acreditar na possibilidade de ter havido a divulgação: “Se aconteceu isso, aqueles senadores vão ficar loucos e quem deu publicidade aos nomes, cometeu um crime”.

A preocupação dele era com a exposição a que o Senado se submeteria caso a lista fosse a correta. No depoimento, ele não dirá, como fez Arruda, que se esqueceu dos nomes, mas guardará segredo a respeito deles.

Se perguntado, negará que tenham ocorrido outras violações ou que sejam reais as versões de que em alguns momentos o Palácio do Planalto teria “operado” o resultado de votações secretas para manipular senadores aliados.

Relator do projeto que acaba com o voto secreto, Antônio Carlos é a favor da sua manutenção – “como forma de preservar coações” – mas, diante das circunstâncias, tomará duas atitudes: renunciará à relatoria e, como senador, votará a favor de que todas as votações seja abertas. “Se não fizer isso, vão dizer que estou agindo em causa própria”.

Para que não digam que anda fugindo de jornalistas, é que ontem à tarde, logo após uma reunião com seus advogados, foi dar expediente normal no Senado. Antônio Carlos considera que precisa de pouca orientação jurídica – “Apenas o mínimo necessário para me precaver contra tecnicismos legais” –, porque tanto o episódio em si quanto o processo em curso são de natureza política.

O erro grave que ACM tinha para cometer, ele acha que já cometeu: foi ter ido conversar com os procuradores. Na ocasião, cometeu a inconfidência que deu origem ao evento político mais constrangedor de sua carreira, o único que lhe pôs em risco o mandato.

“Tenho consciência disso. Não tinha nada que ir falar com aqueles procuradores”. O fato de admitir que fez referência naquela conversa à lista, não é, na avaliação dele, uma con-

“Tenho consciência disso. Não tinha nada que ir falar com aqueles procuradores”

“A partir daí, é que surgiu essa história do painel e me vi misturado com o Jader na percepção pública”

tradição: “Eu disse que vi a lista e não que algum dia pedi que para ter acesso a ela”. Mas, admite, falhou e falhou como político. Hoje se arrepende de ter atendido a conselhos – que não revela de quem – para buscar alianças com o Ministério Público.

Afirma que não foi lá atrás de criar constrangimentos ao governo ou

ao presidente da República. Seu alvo era o inimigo Jader e queria dados sobre as investigações na Sudam. Só o que conseguiu, no entanto, foi se tornar personagem principal de um legítimo processo de virada do feitiço contra o feiticeiro.

Se tivesse o poder divino de apagar fatos da vida, apagaria aquela visita aos procuradores. “A partir daí foi que surgiu essa história do painel e eu me vi misturado com o Jader na percepção da opinião pública, não há como negar essa evidência”. É com essa realidade, ele sabe, que precisa lidar agora.

Um pouco mais magro, abatido apenas o suficiente para denominar-se um homem humilde, em Antônio Carlos Magalhães há nítidas alterações de forma e estilo: os gestos estão um tanto lentos, as palavras que em geral sempre fluíram aos borbotões saem cuidadosas, medidas e pesadas, o tom de voz habitualmente baixo e sibilante beira agora ao inaudível e a disposição para a guerra arrefeceu a um nível mais adequado às circunstâncias.

Por exemplo, amanhã, não tentará – ao contrário do que foi dito aqui e ali – desqualificar a ex-diretora do Prodasen. Faz elogios imensos a ela e lembra que, além de desnecessária e deselegante, a tática da desqualificação cairia mal para ele próprio. “Afinal, fui eu quem nomeei Regina e a mantive no cargo por quatro anos”.

O que teria pautado a atitude da funcionária, ACM não sabe exatamente, mas arrisca: “A amizade com Arruda e a suposição de que estaria me agradando”. Apontará falhas no depoimento dela, mas não revela quais.

Confirmará que realmente teve um encontro com Regina na casa de sua assessora Isabel Flexa de Lima, mas que o assunto não foi exclusivamente o episódio do painel. Ela estava também aflita com a possibilidade de ser alvo de alguma vingança funcional por parte da equipe de Jader Barbalho, que a demitiu logo no início da gestão. “Aquele foi nossa última conversa”.

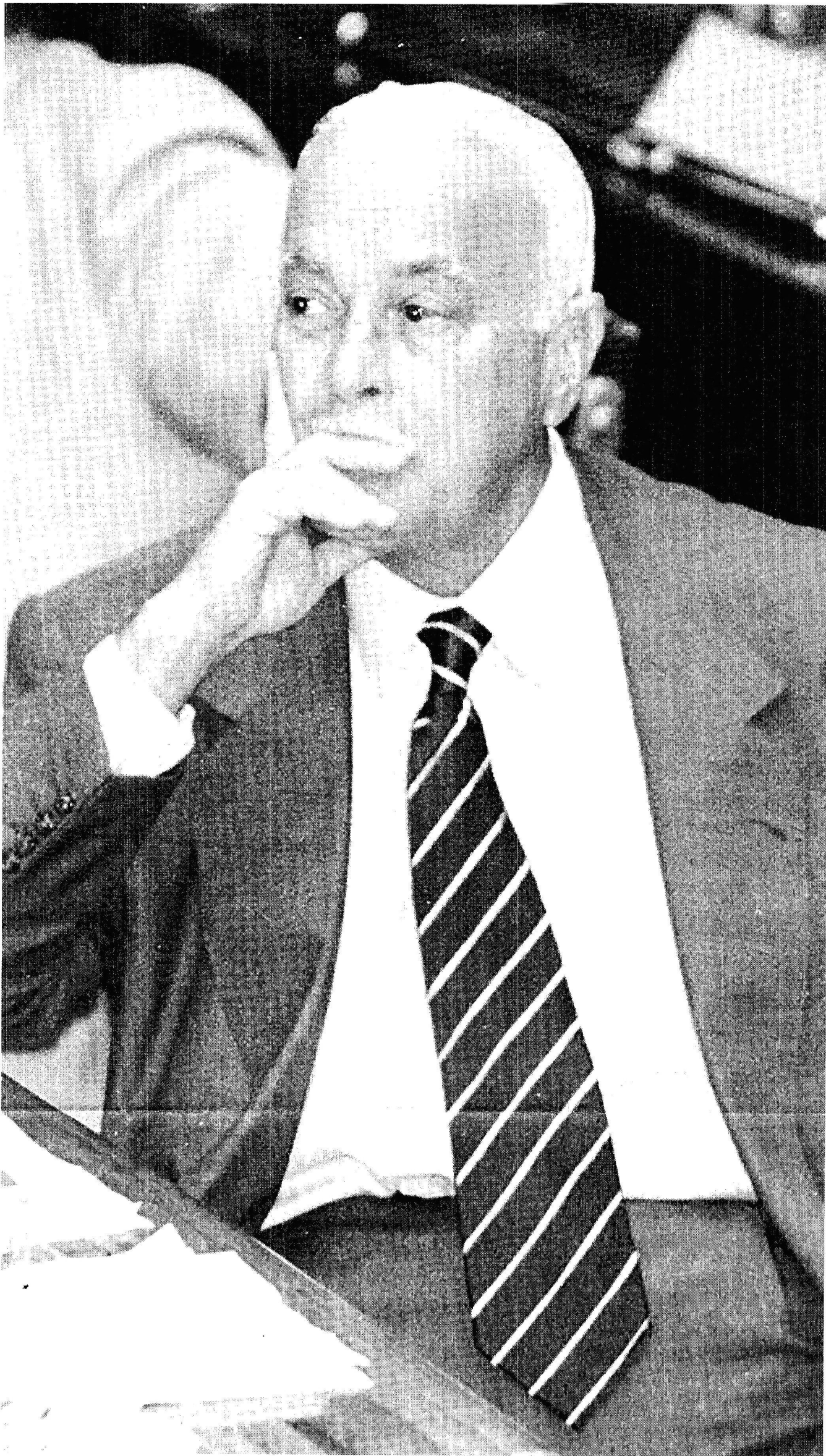
Com relação aos efeitos do depoimento, Antônio Carlos Magalhães não se sente minimamente compromissado com nada nem ninguém, a não ser com a própria versão do episódio. “Tenho uma só e mantereí até o final”. Acha que José Roberto Arruda condenou-se por si próprio – “em dois discursos horribéis” – e que não há necessidade de incriminar outras pessoas para sair ileso.

“Tudo também vai depender da imprensa, a quem ando pedindo um crédito de confiança até o meu depoimento”. É a interpretação da imprensa um dos fatores que mais ocupam a atenção do senador. “A opinião pública se pautará por isso”.

E é justamente por causa da opinião pública que ACM não vê a menor condição de se fazer qualquer acordo político para salvar quem quer que seja. “Não soaria bem, embora seja natural que os partidos queiram preservar os seus”.

Até onde irá essa preservação, o senador não se arrisca a fazer previsões. Assume, antes, um pouquíssimo usual ar de a sorte está lançada, o que tiver de ser, será.

Uma novidade, sem dúvida, em se tratando de Antônio Carlos Magalhães,



“Tudo também vai depender da imprensa, a quem ando pedindo um crédito de confiança até o meu depoimento. A opinião pública se pautará por isso”

“Um acordo não soaria bem, embora seja natural que os partidos queiram preservar os seus”

um homem a quem constantemente assola a ilusão do controle sobre o presente, o passado e o futuro do universo.

Mas há outras novidades na vida do senador, cuja vida pessoal tem na adversidade uma referência, mas cuja car-

reira política nunca tinha antes vivido a mesma experiência. Pelo menos não com a intensidade de agora.

Antônio Carlos Magalhães sempre se notabilizou por transitar com rapidez entre a amabilidade e a agressividade sem, no entanto, baixar a guarda na preservação da imagem de político infalível.

Às vésperas de enfrentar a defesa pública do próprio mandato, o que vemos pela primeira vez é um homem que não perdeu a capacidade nem o gosto pelo combate, mas que hoje reconhece arrefecida sua disposição para a guerra de extermínio total.

“O sofrimento desses últimos tempos me ensinou várias lições. A principal delas é que não se pode ser escravo do ódio”. Fala isso a propósito de todo o processo de luta contra o senador Jader Barbalho a respeito de quem não pretende transigir, muito menos com quem deseja qualquer relação apaziguadora.

“Vou continuar insistindo nas denúncias, que fiz por princípio. Mas talvez

“O sofrimento desses últimos tempos me ensinou várias lições. A primeira delas é que não se pode ser escravo do ódio”

“Não sou o mesmo homem que começou esta guerra”

seja melhor mudar minha linguagem e o meu estilo”. Antônio Carlos Magalhães admite que de certa forma foi vítima da própria maneira de se conduzir.

Vitimado pela ira, assume que tudo isso mexeu com a sua cabeça, alterou seu estado de alma: “Não sou o mesmo homem que começou essa guerra”.

É o que se verá amanhã, na Comissão de Ética.

JB
ONLINE

“Você acredita que o senador Arruda falou toda a verdade?”

■ Não. Neste caso, ninguém ainda falou a verdade e duvido que alguém o faça, mas o “nobre” senador já está concorrendo ao prêmio de melhor ator coadjuvante, pelo seu patético desempenho.
(Clarice Costa)

■ Não. Esse cara pensa que nós somos burros. Dia 17/04/2001 ele diz que a Regina Borges é uma mentirosa e fala que não sabe de lista nenhuma e ontem, dia 23/04/2001, ele

confessa e chora lágrimas de crocodilo. (Marco Antonio do Nascimento Sales)

■ Não. Ele errou ao acessar a lista, errou ao mentir descaradamente na tribuna, só confessou por absoluta falta de opção e ainda tenta se comparar a São Pedro. Ridículo.
(Paulo Mouta)

■ Não. Certamente não falou e deve ser expulso do partido, do Senado e da política. E mais ainda por haver

confessado veladamente no seu discurso, sob tom de ameaça, ter feito coisas muito piores anteriormente.
(Jorge Santos)

■ Não. A confissão foi estratégica, para evitar a cassação, e não um ato de arrependimento. Não admitiu apartes para não ter que explicar o inexplicável, concordou com a versão da doutora Regina diante da impossibilidade de continuar negando mas colocou panos-quentes, como

se um ato dessa gravidade pudesse ter sido fruto de um mal entendido. (Sonia de Aguiar Montenegro)

■ Não. Qual a credibilidade que ele tem? Na semana passada, em discurso digno de um Oscar, jurava não ter conhecimento de tal lista. Essa semana já admite tê-la pego e repassado para ACM. O que virá depois?
(Leonardo Ribeiro)

■ Não. São tantas “trambuzanas” no congresso que fica difícil acreditar

que ele foi sincero. Eu achava que o Sr. Arruda era um “cara” honesto. É duro descobrir que eu joguei o meu voto no lixo.
(José Maria Lustosa)

■ Não. Não tenho vergonha de falar que votei em José Roberto Arruda para Senador. Após estas denúncias me arrependo completamente de ter confiado meu voto a tal pessoa. Achei que fosse uma pessoa íntegra

mas pelo visto não é. (Paulo César Oliveira)

■ Não. Acredito que a verdade está na versão da diretora do Prodasen. O Arruda confessou apenas parcialmente, na tentativa de salvar o mandato.
(Getúlio Pessoa)

■ Sim. Ele falou a verdade, mas apenas o necessário para tentar se livrar da cassação.
(Arnaldo Paiva)